



## *O jubileu de ouro da radiofonia na Amazônia paraense: Biografar a rádio?*

Érito Vânio Bastos de Oliveira\*

Nessa comunicação será analisado um conjunto de artigos, matérias, imagens fotográficas, *slogans* publicitários veiculados no *Jornal Relâmpago*,<sup>1</sup> caderno especial do matutino *O Liberal*, assinado e organizado por Edyr Augusto Proença, em 22 de abril de 1978, repercutindo e tomando parte nas comemorações de meio século da emissora Rádio Clube do Pará, a primeira criada na Amazônia brasileira. Edyr Augusto, neto de um dos fundadores, Edgar Proença, e filho do diretor geral da emissora Rádio Clube do Pará, Edyr de Paiva Proença, escreveu uma narrativa em que podemos notar, como veremos a seguir, de que maneira a emissora de rádio no final dos anos 70 inventou seu próprio passado.

O texto de capa da edição comemorativa do *Jornal Relâmpago*, também escrito por Edyr Augusto Proença, um dos homens de rádio da emissora PRC-5, Rádio Clube do Pará, intitulado “Rádio Clube: 50 anos”<sup>2</sup> representou uma espécie de editorial em que procurou evocar a fala e a visão dos então diretores e donos da emissora naquele momento – ano de 1978 – Edyr de Paiva Proença e Palmeria Santos (direção Geral), além da colaboração de Edgar Augusto Proença e do próprio autor, Edyr Augusto Proença e tendo como administradores Celina Proença (esposa de Edgar de Campos Proença) e Maria Silvia Teixeira dos Santos. A ideia central que acompanhou todo o texto pareceu ser a ligação estabelecida entre a rádio existente no presente com aquela que é evocada do passado:

*Nesses cinquenta anos, era natural que fossemos atingidos também pela força da evolução. Mudaram-se os esquemas de programação, mudaram-se os dirigentes, mudaram-se as formas de rádio. Mas permaneceram intocáveis os princípios de retidão dos primeiros instantes: da seriedade e respeito, sobretudo os*

---

Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas, bolsista do Cnpq.

<sup>1</sup> *Jornal Relâmpago* publicado como edição especial pelo jornal *O Liberal*, matutino da capital paraense, em 22/04/1978. Acervo: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Setor de Microfilmagem. Algumas informações de referência sobre o jornal *O Liberal*: foi fundado em 1946 pelos membros do Partido Social Democrático, chefiado por Magalhães Barata, Interventor de Vargas e, depois, Governador do Pará. No início era um diário vespertino e combatia os “anti-baratistas”, reunidos em torno da *Folha do Norte*, de Paulo Maranhão. Rômulo Maiorana comprou esse diário, em 1966, que passou a ser matutino e impresso a cores, sendo que, no ano de 1971, passou a divulgar como seu subtítulo “Jornal da Amazônia” e atualmente, pertence e é administrado pelos herdeiros e familiares de Maiorana.

<sup>2</sup> *Jornal Relâmpago*, Belém, 22 de abril de 1978, p.1. O texto foi publicado na primeira página, contudo, não foi assinado, por isso, não foi possível reconhecer a autoria nominal. No entanto, em vários momentos de sua escrita, ele produz uma autoimagem se auto reconhecendo como homem de rádio desde os primeiros anos da emissora, ainda de prefixo PRAF, Rádio Clube do Pará. Edyr Augusto Proença, neto de um dos fundadores do rádio no Pará, revelou que ele foi o autor desse texto. Numa das entrevistas concedida a mim, no primeiro semestre de 2016.



*compromissos assumidos perante o povo, os únicos que hão de ser imutáveis para nós.*<sup>3</sup>

Desse modo, mesmo quando a visão do rádio sobre si mesmo disse sobre o processo de “evolução” que sofreu ao longo do tempo com as mudanças nos esquemas de programação, dos dirigentes e das “formas de rádio”, ela o fez sem perder a referência de um passado da emissora – da fundação aos anos 50, período administrado pelos fundadores – representado pelos princípios e valores dos primeiros protagonistas da rádio que significariam o parâmetro central em meio a nova condição financeira e comercial desse meio de comunicação no final dos anos 70 – considerando um novo momento do capitalismo e da indústria cultural. Produziu-se segundo essa visão, uma mescla entre uma herança moral e cultural advinda de um passado com os novos condicionamentos proporcionados pelos interesses financeiros e comerciais no presente. No entanto, um elemento seria a base dessa mescla, representando, ao mesmo tempo, o grande objetivo da emissora que seria o de permanecer intimamente ligado “ao coração paraense”, agindo “em favor dos problemas de nossa terra e do nosso povo”.

Assim, segundo Edyr Augusto, o que justificava esses valores no tempo dos fundadores era a clareza e definição do objetivo que desejavam com esse meio de comunicação: a ideia de um projeto de utilidade pública, visando oferecer serviços e soluções para o povo paraense e em benefício da terra. Aqui, evidenciou-se um segundo elemento destacado pelo autor, ou seja, o conjunto de significados sociais e culturais que o rádio representaria cotidianamente para os paraenses. “Desenvolvimento cultural”, serviços à população, portanto, a ênfase recaiu no sentido e sentimento público da emissora de rádio<sup>4</sup>. Por exemplo, o significado assinalado de “desenvolvimento cultural paraense” da rádio homenageada estaria representado pelas suas ações de transmitir notícias e músicas, ou seja, proporcionando instrução e diversão para os ouvintes paraenses. Essa sua condição diária de contato com os paraenses e, por tanto tempo, fez com que ela se tornasse “intima, querida, que tem carinhosamente como uma coisa sua” pelo povo paraense:

*A história do Rádio Clube está intimamente ligada ao desenvolvimento cultural paraense. Ele tem sido um polo de expansão pelas comunicações, levando a todos os quadrantes do Estado o rumo dos acontecimentos, levando a notícia que informa, que instrui, que estimula, que entusiasma, e da música que embevece, que distrai, que diverte. E pelos caminhos percorridos junto com o povo, nasceu uma afinidade que lhe concede um lugar afetivo entre a coletividade, que tem*

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Ibidem.



*carinhosamente como uma coisa sua, muito íntima e querida.* (JORNAL RELÂMPAGO, 22/04/1978: 1)

Essa referência de ligação com o povo e seu papel no “desenvolvimento cultural paraense” também se fez presente e circulou por outros discursos como o publicitário e, mais do que isso, alçada enquanto representativa de uma identidade local e, por isso mesmo, mais tarde, tornando-se elemento importante na associação da rádio com a ideia de patrimônio. Embora Edyr Augusto tenha usado os termos “desenvolvimento” e “evolução”, eles não foram apropriados enquanto sinonímia. “Desenvolvimento” pareceu estar relacionado com a produção e manifestação intelectual e artística, enquanto “evolução”, apesar de, originariamente, relativa às metáforas biológicas, foi empregada pelo autor na associação com as mudanças econômicas vivenciadas por uma empresa comercial, no caso, a própria emissora de rádio, em suas novas configurações no final dos anos 70. No entanto, para esse pensador da rádio, o liame da emissora com a “força de evolução” não deveria ser de “subserviência”, mas de diálogo: “Mesmo que a atualidade exija conotações de interesses financeiros, como qualquer empresa comercial, fazemos questão de resguardar os ideais que vem de nossos fundadores” (JORNAL RELÂMPAGO, 22/04/1978: 1). Em outras palavras, para Edyr Augusto, o significado e o papel da Rádio Clube do Pará no “desenvolvimento cultural paraense” poderia ser explicado pelo diálogo entre “evolução” estrutural e material e a “herança” de valores e princípios, advindo do “resguardo das ideias dos fundadores”, ou ainda, entre o chamado rádio antigo e o rádio novo, notando e reconhecendo seus nexos e mudanças. Como o leitor pode estar entrevendo, estamos diante de um novo personagem que se apresentou enquanto narrador e pensador da trajetória da emissora Rádio Clube do Pará e dos significados do seu passado. Edyr Augusto usufruía de autoridade para legitimar suas afirmações? Ele desfrutava de algum foro de “verdade” para convencer seus leitores da narrativa que tecia? Quem era esse outro “Edyr”? E quanto a sua narrativa podemos nos indagar sobre como ela se apresentou ou quais os propósitos de sua comunicação?

Edyr Augusto Proença foi um dos cinco filhos que surgiram da união das famílias Proença e Camarão. O conhecido Edyr de Paiva Proença e Celeste Camarão, seus pais, eram representantes dessas famílias que se destacaram no envolvimento da mídia impressa e radiofônica, na literatura e música popular. Seu pai “Edyr” atuou de maneira intensa no periodismo de Belém, sendo colunista de rádio e esportes de quase todos os jornais, durante várias décadas, e escreveu livros sobre o futebol paraense, além de ter desenvolvido uma produção de compositor e músico popular. “Ele trabalhava de dia na rádio e de noite ele ia para



os jornais, fazia páginas de jornais, escrevia colunas, era uma loucura”, assim rememorou Edyr Augusto sobre as atividades diárias e o lugar da imprensa e do rádio na vida dele. Celeste Camarão foi intérprete de música popular nos anos 40, principalmente dos compositores Gentil Puget e Waldemar Henrique, músicos paraenses que tematizavam a “Amazônia” e suas manifestações “folclóricas”. Celeste se juntou ao seu futuro marido, no final dos anos 30, no grupo musical “Bando da Estrela” e passou a atuar frequentemente na PRC-5, Rádio Clube do Pará, sendo alcunhada de “voz morena” ou “professorinha do *broadcasting* paraense” e tendo como irmã Adalcinda Camarão, a “poetisa da Amazônia” (REVISTA PARÁ ILSTRADO, 21/01/1939: 10-11; REVISTA A SEMANA, 08/07/1939). Então, Edyr Augusto nasceu em um lar envolvido da maneira intensa com uma produção cultural desenvolvida através da literatura, da música popular, do teatro e tendo, cotidianamente, ora como pano de fundo, ora como espaço privilegiado, a rádio e toda experiência que proporcionava. Na década de 70, Edyr Augusto convenceu e estimulou seu pai a voltar para a atividade musical, compondo sambas e se tornou um dos parceiros dele enquanto letrista, originando as canções *Amor Imperfeito*, *Ana Luiza*, *Rua do Poeta*, *Meu Canto de Amor Por Belém*. Nas palavras do filho Edyr, a vida musical de seu pai:

*Ele rapazola era seresteiro, então ele formou um grupo chamado “O Bando da Estrela” porque naquela época era muito famoso o “Bando da Lua”, que acompanhava a Carmem Miranda. A cantora do grupo era justamente a minha mãe e eles se apresentavam na Rádio Clube, num programa de auditório e assim foram até que casou, e muito serviço e foram deixando de lado. Ali por volta dos 60, aos 50 anos de idade ou coisa assim, ele começou a voltar a tocar e começou a compor novamente música, e foi uma época em que o Quem São Eles (tradicional escola de samba de Belém) começou a ter um grande retorno, comandado por intelectuais, artistas, gente do esporte, aí ele voltou por conta do meu irmão Edgar que também estava envolvido. Ele fez alguns sambas para o Quem São Eles. Fez shows. Ele adorava tocar, era compositor...<sup>5</sup>*

A parceria de Edyr Augusto com seu pai não se limitou apenas à música popular, mas se intensificou de uma maneira ainda mais longeva na comunicação radiofônica. Depois de atuar em várias funções na Rádio Clube do Pará, ainda dirigida por seu avô, Edgar Proença, passou a “ser diretor de programação da Rádio Clube e tinha alguns programas também e fundei a *Rádio Cultura*, fundei a *Rádio Belém* também, fundei a *Rádio Cidade Morena* que hoje é *Jovem Pan* (Grifo nosso) ”<sup>6</sup>. Assim, quando seu pai “Edyr” já assumira a direção da emissora, ele, segundo pude perceber, se destacava enquanto um intelectual ou pensador da rádio, seja

<sup>5</sup> Entrevista de Edyr Augusto Proença, novembro de 1999. Fonte: [www.oparanasondasdoradio.ufpa.br](http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br).

<sup>6</sup> Idem.



produzindo a grade de programação ou elaborando uma narrativa sobre a trajetória desse meio de comunicação, em particular, pendulando, como tentaremos ver, em diferentes temporalidades e mesmo, em distintos espaços da nação. Nessa condição, talvez não fosse tão complicado para Edyr Augusto construir uma trama quase biográfica dessa rádio cinquentenária, dizendo sobre os valores, personagens e relações que a definiram ao longo tempo.

No entanto, por falar em valores, para ele, estariam longe de serem abstrações, sem um “lugar” ou mesmo uma “origem”, em vez disso, admitiriam uma filiação paterna e conformariam uma herança. Assim, retomando o passado na trajetória da emissora de rádio no Pará, Edyr Augusto resolveu evocar as lembranças sobre as individualidades que ajudaram não só a instituir esse meio de comunicação na região, mas também a formá-lo, segundo seu entendimento, por intermédio dessa herança de valores. Recorrentemente, as individualidades em questão eram os três principais fundadores: Roberto Camelier, Edgar Proença e Eriberto Pio dos Santos. De todo modo, não eram apenas os valores que não deveriam ser abstratos, seus personagens e individualidades deveriam manifestar uma existência real e concreta, nem que fosse pela presença da ausência desse “real”. Nesse rumo, a edição comemorativa do *Jornal Relâmpago* apresentou pequenas informações biográficas de personagens da “história” da emissora que eram somadas às imagens fotográficas, de modo a oferecer uma espécie de “biografia” da rádio cinquentenária para o público de ouvintes e leitores, integrando o conjunto das comemorações, em abril de 1978.

Diante disso, não devemos descurar que o autor e organizador da matéria comemorativa representava a terceira geração da família “Proença”, junto com seu irmão Edgar Augusto e, nesse sentido, tornara-se uma espécie de “porta-voz”, naquele ano de comemorações, do que considereei nomear de memória “genealógica”<sup>7</sup> e oficial da família e da própria direção da rádio homenageada, além de dispor do arquivo familiar de seu avô, Edgar Proença, e do pai, o então diretor Edyr de Paiva Proença. Assim, confluindo a memória “genealógica” e o arquivo familiar dos “Proença”, Edyr Augusto pareceu compor uma mistura

---

<sup>7</sup> Resolvi utilizar a expressão “memória genealógica” a partir das conclusões que cheguei ao entrevistar Edyr Augusto Proença e acompanhar os demais integrantes da família ligados à radiodifusão no Pará, pela imprensa, depoimentos gravados de Edyr de Paiva Proença e de Edgar Augusto. Observei, portanto, que parte das memórias de cada um dialoga com a de seu antepassado mais direto como, por exemplo, Edyr Paiva com seu pai, Edgar Proença e, noutra direção, com seus filhos que, semelhante a ele, envolveram-se na radiodifusão e imprensa de Belém: Edgar Augusto Proença e Edyr Augusto Proença. A memória genealógica também se dava pelo fio que unia avô e netos. Edyr Augusto lembra que conviveu bastante com seu avô Edgar Proença, no tempo de sua velhice, e acredita que seu estímulo para a literatura e o trabalho de escritor deveu-se a esse contato com o avô e a volumosa biblioteca que dispunha. Fonte: Entrevista realizada com Edyr Augusto, 2016.



entre revista ilustrada e álbum de família para revelar a visão que a rádio tinha de si mesma e sobre seu passado.

Nesse sentido, por transparecer um “álbum da rádio” e de sua trajetória, a edição comemorativa sobre o aniversário de 50 anos do rádio paraense e, em particular, da Rádio Clube do Pará, ou seja, do já citado *Jornal Relâmpago*, com matéria datada do dia 22 de abril de 1978, foi organizada dando interesse especial para as imagens técnicas, especialmente as fotografias e os respectivos textos que as acompanham como título e legenda e, ainda, as propagandas no seu formato de imagens e palavras, objetivando com isso, “recuperar” um passado relacionado, ou mesmo, instituído pela direção da emissora de rádio. Desse modo, considereei pertinente priorizar três elementos constitutivos dessa edição comemorativa: a narrativa textual, visual e uma mais específica, a publicitária.

A própria associação que fiz dessa edição comemorativa enquanto um “álbum da rádio”, desvela uma natureza importante na composição dessas narrativas, ou seja, a biográfica. Veremos que tanto nos textos dos artigos quanto nas fotografias utilizadas, Edyr Augusto procurou tecer uma narrativa geral e biográfica dos primeiros anos da Rádio Clube do Pará, a emissora homenageada. Mesmo a propaganda, com sua linguagem e referentes textuais e imagéticos, também admitiu uma dimensão biográfica e, do seu modo, também retomou um passado para efeito das comemorações do cinquentenário da rádio paraense. Dito de outra maneira, Edyr Augusto pela forma de sua escrita e pelo modo como elaborou sua narrativa sobre a rádio homenageada, se apresentou, ainda que não assumidamente, enquanto um biógrafo da emissora cinquentenária e, em alguma medida, da própria radiodifusão na Amazônia paraense. Noutra direção, parece que ao intentar biografar a trajetória dessa emissora de rádio, ele acabou revelando traços de si próprio e de sua “memória genealógica”. Por isso, quando falamos em biografia, a primeira premissa é que toda escrita biográfica é um ato de escrita e, portanto, passível de questionamentos e revelador de posições (assumidas e não-assumidas do autor): o biógrafo precisa estar consciente que o primeiro questionamento que vai enfrentar é porque escreveu sobre esse indivíduo/objeto? (admiração, homenagem, jogo de memória e uma afinidade eletiva “que está na origem da relação pessoal que o autor acaba por manter com o biografado”). Assim, na escrita biográfica encontramos, tanto informações sobre o biografado quanto sobre o biógrafo, bem como, sobre a memória evocada (coletiva e individual) em relação ao indivíduo/objeto, como lembrou Vavy Pacheco Borges (BORGES, 2004: 283-310). Poncioni, na mesma direção, chamou a atenção para a relação especular que



muitas vezes se estabelece na biografia entre o biógrafo e o biografado, pois o autor acaba vendo seu “rosto refletido no retrato” do indivíduo/objeto (PONCIONI, 2012).

A narrativa biográfica dos primeiros anos da rádio teve início com um texto introdutório dessa edição especial intitulado “A quarta emissora do país”, em que procurou informar ou rememorar aos leitores da “história” inicial da emissora como, por exemplo, a justificativa de sua origem:

*A história do Rádio Clube do Pará começa num 22 de abril de 1928. O Brasil despertava para a radiofonia, a semente lançada pelo mestre Roquette Pinto, no Rio de Janeiro, fundando a Rádio Clube do Brasil, medrava em solo fértil e, assim, logo surgiram os seguidores idealistas, com as atividades da Rádio Clube de Ribeirão Preto, da Rádio Clube de Pernambuco. O Pará inscreveria logo o seu nome na história do rádio brasileiro, através de um grupo de idealistas e sonhadores que fundaram a Rádio Clube do Pará. (JORNAL RELÂMPAGO, 22/04/1978: 2)*

Interessante notar a maneira como ele situou e justificou a emergência e o início da “história” do rádio em terras paraenses, atrelando-o a um movimento maior, em nível nacional, de transformações envolvendo as comunicações radiofônicas. Mais adiante continuou a biografar a rádio, indicando em sua trajetória alguns personagens considerados importantes, os primeiros programas, as primeiras sedes, além dos obstáculos experimentados, a exemplo de seu precário aparato técnico, especialmente nas décadas de 20 e 30.

*Num transmissor construído aqui mesmo, de quase nenhuma potência, mas capaz de registrar os sons paraenses nos céus de Belém, o Rádio Clube do Pará começou numa sala da antiga Casa Relâmpago e depois no largo da Trindade...Depois, passou a ter maior desenvolvimento quando se localizou num prédio da Travessa Silva Santos, nos fundos do Cinema Olímpia. Então, sua programação era diária, com programas que iam das 12 às 14 horas e das 20 às 22 horas, reunindo artistas e intelectuais da terra em audições muito bem recebidas. Era, então, a PRAF – a Voz do Pará. (JORNAL RELÂMPAGO, 22/04/1978: 2)*

Essas limitações técnicas e a “trajetória cigana” foram comuns entre as poucas emissoras de rádio existentes no Brasil nos anos 20 e 30, portanto, período em que ainda eram organizadas como rádios sociedades ou clubes, congregando curiosos, entusiastas e amadores da transmissão radiofônica e, seu momento de transição para o modelo do rádio comercial e de entretenimento. Entretanto, em se tratando da rádio paraense, parece importante de alguma maneira precisar, cronologicamente, as informações acima citadas para uma melhor compreensão dessa narrativa de trajetória. Edyr Augusto estava se referindo aos primeiros cinco anos de existência da Rádio Clube do Pará, quando seu prefixo ainda era PRAF, com o slogan “A voz do Pará”, entre 1928 e 1933. Assim, sua primeira preocupação foi chamar a atenção em sua narrativa sobre esse passado mais recuado da rádio, ou seja, entre final dos anos 20 até



meados da década seguinte, para dizer como a “história” desse meio de comunicação começou no Pará. Seu modelo de escrita biográfica seguiu um formato considerado tradicional, privilegiando etapas sequenciais da vida biografada, ou seja, origem, infância, amadurecimento até chegar ao momento do presente da rádio, destacando a sua linearidade temporal do final dos anos 20 ao fim dos 70 e revelando, por tudo isso, uma coerência narrativa que ajudaria a convencer o ouvinte e/ou leitor.

Ademais, para além da riqueza dos elementos biográficos citados, desejo colocar ênfase na coincidência desses argumentos, informações e imagens evocados, quase um modelo de *mimeses* para outras narrativas de outros momentos comemorativos. Por exemplo, vejamos como se expressou seu pai, Edyr de Paiva Proença, em 1988, também num conjunto de comemorações:

*...aliás o que parece é que foi ontem que tudo começou, seguindo a linha de entusiasmo de Roquette Pinto, que fundara no Rio sua emissora, sendo seu gesto imitado em Ribeirão Preto e, depois, pelos irmãos Moreira Pinto, em Pernambuco. Eram as Rádio Clube, que inspiraram um grupo liderado por Edgard Proença, Roberto Camelier e Eriberto Pio dos Santos a fundar a do Pará, a primeira em todo o Norte com o prefixo PRAF, a Voz do Pará.<sup>8</sup>*

Essa narrativa de fundação do rádio no Pará não pareceu ter os mesmos componentes informativos, sequência de dados e estruturação de sentido evocadas por Edyr Augusto, reiteradamente levadas a público por ele próprio ou sendo reempregadas pelos meios de imprensa, sobretudo nessas datas comemorativas do rádio local? Dez anos depois, integrando as comemorações dos sessenta anos do rádio paraense, produziu-se quase o mesmo “preâmbulo biográfico” da emissora pioneira e homenageada. Como pode se compreender isso? Em que se assentavam a verossimilhança e inteligibilidade dessas narrativas em *mimeses*? A resposta, segundo parece, relaciona-se com a memória, seja na sua organização e transmissão oral ou por intermédio de um arquivo. Sob essas narrativas encontramos uma “memória genealógica”, principalmente dos “Proença”, robustecida por um arquivo familiar composto por livros, artigos e matérias de jornais, cadernos de anotações e fotografias.

Desse modo, a maioria das fotografias utilizadas nesse “álbum da rádio”, que foi a edição comemorativa do *Jornal Relâmpago*, adveio desse arquivo familiar dos Proença. Ainda na primeira parte da página – correspondendo aproximadamente ½ do total – foram incluídas duas fotografias que apontavam para o forte sentido biográfico dessas lembranças, ou seja,

---

<sup>8</sup> *Jornal TV Cultura* – canal 2, Belém, Edição comemorativa de três anos de aniversário da Rádio Cultura do Pará FM e sessenta anos do rádio no Pará, 01 de dezembro de 1988, primeira página.





as imagens de Edgar Proença e Roberto Camelier, imagens consideradas médias e dispostas, respectivamente, nos lados direito e esquerdo sendo entremeadas por um texto introdutório de três parágrafos. Utilizando-se das técnicas de organização da fotojornalismo, buscou-se uma produção de sentido ao enfeixar esses elementos (MAUAD, 2005: 133-174) – fotos, título, texto principal, além das legendas – numa narrativa com um enredo coerente, definidora de “lugares” tanto para a própria rádio, no âmbito da radiofonia brasileira, quanto para as individualidades que fizeram e operacionalizaram esse meio de comunicação nas últimas décadas da primeira metade do século XX (HAGEMAEYER, 2012: 23).

Ao nos determos sobre a narrativa visual, sobretudo através das fotografias usadas, o que me parece importante ressaltar é que também por intermédio delas, procurou-se “biografar a rádio” homenageada. Exemplo disso, foram as duas fotos dos fundadores do rádio no Pará, Edgar Proença e Roberto Camelier:



Figura 4 – Edgar Proença e Roberto Camelier. Fonte: *Jornal Relâmpago* Acervo: Coleção “Vicente Salles”, UFPA

Portanto, o primeiro conjunto de fotografias organizados por Edyr Augusto procurou assinalar, como de regra nas biografias, quem foram os “pais” da emissora de rádio, a saber, seus fundadores. Ao lado disso, importante notar que o circuito de exibição dessas imagens não estava restrito aos arquivos familiares das respectivas famílias “Proença” e “Camelier”, porém se moveram num âmbito bem maior, pois essas fotos, então republicadas nos anos 70, circularam bastante entre as colunas sociais e de rádio nos periódicos dos anos 30 e 40, na capital paraense. Os jornais a *Folha do Norte*, o *Estado do Pará*, *A Vanguarda*, *Folha Vespertina* e as revistas ilustradas *A Semana*, *Guajarina* e, principalmente, a *Pará Ilustrado* foram instituídos pela imprensa da segunda metade do século XX, na condição de parte integrante de um arquivo de memórias sobre o rádio e as individualidades que o fizeram e o instituíram em Belém, a partir do final dos anos 20 (MAUAD, 1996: 73-98). Particularmente,



o magazine *Pará Ilustrado* foi um meio central da imprensa para a exibição dessas fotos dos homens do rádio. Por quê? Como se compreende isso?

Essa revista ilustrada tinha como seu dono e diretor, o próprio Edgar Proença, um dos fundadores e diretores da Rádio Clube do Pará. Assim, a *Pará Ilustrado* servia também como uma “revista da rádio” na imprensa de Belém dos anos 30 e 40. Dessa maneira, não se torna difícil concluir que os demais diretores e personagens da emissora também retiravam de seus arquivos pessoais, por exemplo, fotografias para serem publicadas no próximo número da revista. Com isso, essas imagens passaram a fazer parte de um domínio público e da própria memória da imprensa que, por sua vez, como temos observado, acabou (re)produzindo o sentido da memória do rádio no Pará, através dos textos memorialísticos e dessas mesmas imagens técnicas. Se, como disse Raphael Samuel, as fotografias podem ser “a seu modo... lembrança vivida de histórias que havia, de algum modo, esquecido e que não eram fáceis de serem incorporadas à história com ‘H’ maiúsculo”, no caso que nos interessa, observou-se uma inversão: as fotografias das celebrações do rádio não enunciaram lembrança alguma de qualquer história esquecida, ao contrário, reiterou lembranças de um passado consensualmente retomado pelos diretores e homens da rádio, no final dos anos 70, que admitiriam prefigurar como parte central de uma “História” maiúscula da radiofonia no Pará (SAMUEL, 1997: 49). Quase não há espaços vazados para outros personagens, trajetórias e figurações. Cadê as imagens de Carlos Camelier? Ou de Wandick Amanajás ou mesmo de Gentil Puget? Esses personagens importantes do rádio no Pará nas décadas de 30 e 40 foram, nas décadas seguintes, envolvidos no esquecimento. Quem foram, o que fizeram e por que falar deles no meio de uma prosa ou discussão sobre a literatura produzida sobre esse meio de comunicação?<sup>9</sup>

Outro aspecto a ser destacado refere-se as próprias legendas das fotografias. Através delas é possível notar informações biográficas pontuais sobre personagens considerados importantes na trajetória da emissora, espécies do que resolvi nomear de

---

<sup>9</sup> Carlos Camelier era filho de Roberto Camelier, um dos fundadores da radiodifusão na Amazônia e um dos diretores da Rádio Clube do Pará, desde 1928, ano de sua fundação. Carlos viveu e trabalhou no Rio de Janeiro, fazendo parte da Rádio Cruzeiro entre o final dos anos 40 e início da década seguinte, segundo entrevista de seu tio, Álvaro Camelier. Gentil Puget nasceu em Belém no dia 12 de julho de 1912 e faleceu no Rio de Janeiro em 08 de abril de 1949. Foi um importante pianista, poeta e compositor que Belém teve, durante a década de 1930, além de responsável por uma pesquisa valiosíssima de “música folclórica” amazônica. Divulgou o folclore e atuou na crítica musical e de rádio, escrevendo para jornais e revistas como a “Pará Ilustrado”, onde assinava a crônica de rádio “Ondas Sonoras”. Sua ligação com o rádio não parava na crítica, ele organizou e participou de vários programas na emissora PRC-5, em Belém, organizando, por exemplo, um programa chamado “Vozes e Ritmos do Brasil, em meados de 1939. Francisco Wandick Amanajás foi violonista, compositor e cantor. Natural de Belém, atuou na radiofonia local com canções “regionais”, compondo, por exemplo, a valsa “Minha Palmeira Triste” e o samba “Caco Velho”. Cf. (SALLES, 1970: 74-75).



“microbiografias” compondo a biografia maior, ou seja, da própria rádio homenageada. Então, vejamos as duas legendas. A legenda referente a Edgar Proença procurou sintetizá-lo na expressão que contemporâneos seus lhe deram: o “homem dos sete instrumentos”, ou seja, destacou-se sua condição de polígrafo, a diversidade de suas atividades e a polivalência de seus talentos. Aquele que fazia de tudo na cultura e na mídia, uma espécie de homem símbolo da sua geração de intelectuais, envolvidos nessas duas experiências: “Edgar Proença, era o homem dos sete instrumentos. Foi locutor esportivo, comercial, animador de programas, jornalista, escritor, músico, teatrólogo, político e relações públicas” Por sua vez, na legenda da foto de Roberto Camelier, o primeiro termo assinalado que o procurou definir foi “outro fundador” que era responsável pela parte técnica da emissora de rádio: “Roberto Camelier, outro fundador, era o encarregado pela parte técnica da estação. Em tempos difíceis, montou praticamente sozinho e com poucos recursos os transmissores da Rádio Clube, proporcionando a qualidade de som que cedo distinguiu a emissora” (JORNAL RELÂMPAGO, 22/04/1978: 2). O lugar do seu talento estava posto na técnica e sua importância na expressão do “outro fundador”. Ao “pai” Proença era associado o mundo artístico, intelectual e de entretenimento da Rádio Clube do Pará, enquanto que ao “pai” Camelier associavam-se a abnegação, voluntarismo e talento técnico para a engenharia de rádio e transmissão. O consenso dessas “microbiografias” se justificam plenamente? Existiriam esquecimentos, silenciamentos ou frestas? Vejamos, por exemplo, sobre Roberto Camelier que, além da reconhecida fama de “engenheiro” e técnico em comunicações, também foi um dos primeiros cronistas de rádio em Belém, assinando com o médico Gastão Vieira a coluna *radiotelefonía* do jornal *Folha do Norte*, no início dos anos 30, ou ainda, tendo algumas de suas crônicas transcritas por outras publicações de fora do Estado, como foi o caso da revista carioca *O Malho* que publicou em sua seção de rádio *Broadcasting*, em 14 de março de 1935, explicando dessa forma o editor sobre o texto de Camelier:

*Transcrevemos uma crônica lida ao microfone do 'Rádio Clube do Pará', a 24 do mês passado, sobre música de Carnaval, por ocasião da irradiação do 'jornal falado' que na PRC-5 mantêm os Drs. Gastão Vieira e Roberto Camelier, sob o pseudônimo de G & R. (REVISTA O MALHO, 14/03/1935: 8)*

Com o título “O rádio no Pará”, a crônica de Roberto Camelier e Gastão Vieira foi publicada na primeira página da seção, onde normalmente eram lidos os textos principais. Não vou me deter aqui sobre o conteúdo dessa crônica, embora seja de uma riqueza de informações sobre as ainda incipientes indústrias do disco e do rádio e como elas formavam um circuito



desigual envolvendo, por exemplo, as cidades do Rio de Janeiro e Belém do Pará. Contudo, parece importante reter que uma cidade como Belém, tradicionalmente considerada distante das áreas mais dinâmicas do país, não apenas “importou” literatura e pensamento sobre rádio, música popular e indústria fonográfica, mas também, difundiu uma visão própria sobre essas temáticas e experiências para outras realidades regionais e cidades, a exemplo da capital do país.

Além disso, Roberto Camelier também atuava e interferia na própria gestão artística e de programação da emissora, em alguns momentos. Por exemplo, em outubro de 1939, Camelier e Eriberto Pio dos Santos estavam no Rio de Janeiro para conseguir peças e tecnologia para a montagem de uma estação de ondas curtas para a Rádio Clube do Pará, porém, aproveitaram o momento e entraram em acordo com o maestro Custódio Mesquita para organizar o *cast* da emissora e comandar sua programação. No dia 01 de maio de 1940, o famoso maestro carioca chegou a Belém para trabalhar como diretor artístico tanto da emissora PRC-5 quanto da casa de espetáculos “Palace Cassino”.

Por sua vez, atentando para as fontes de imprensa dos anos 30 e 40, em Belém, com destaque para os noticiários, as entrevistas e os discursos, encontramos um comentário do próprio Edgar Proença, em agosto de 1941, ao lembrar a trajetória da emissora PRC-5, sobre seu parceiro de rádio:

*... a princípio ninguém acreditava em ‘santos de casa’. Houve, realmente, horas incertas, desânimos, decepções, despeitos e derrotismos. Mas nunca faltou comandante. E esse, desde os primeiros dias de PRC-5 até hoje, é Roberto Camelier a quem eu chamo de generalíssimo do rádio paraense.<sup>10</sup>*

No final dos anos 70, sua figura, como foi mostrado, era do “outro fundador” que teve sua importância apenas associada com o conhecimento técnico em comunicações radiofônicas, enquanto que, no início dos anos 40, ele fora reconhecido como o “generalíssimo do rádio paraense”. Por que estou insistindo nessa observação? Qual seria a importância disso? Poderia se argumentar, talvez com certa plausibilidade, que essa diferença de tratamento em relação aos dois “pais” fundadores do rádio paraense, notadas não apenas nessa edição comemorativa que estamos analisando, mas também, no conjunto das comemorações dos cinquenta anos da rádio homenageada, se compreenda pela constatação de que a direção e administração dessa emissora, a Rádio Clube do Pará, em 1978, estava nas mãos das famílias

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida de Edgar Proença ao jornalista Edgard de Freitas para o “Cine-Rádio Jornal” do Rio de Janeiro e também publicado na revista paraense *Pará Ilustrado* em 09 de agosto de 1941, na seção radiofônica “Ondas Sonoras”, p. 20.



“Proença” e “Santos”<sup>11</sup>. Porém, a tarefa de retomar um passado da rádio e exibi-la enquanto uma narrativa de sua trajetória e de seus personagens e fatos coube a Edyr Augusto Proença e também a seu pai, Edyr de Paiva Proença. O primeiro trazendo o talento literário e jornalístico, enquanto seu genitor representando a “memória genealógica” da família. No entanto, isso não responde suficientemente à questão, no meu entender, por duas razões: em primeiro lugar, essa “memória genealógica” ao qual me refiro não teria ressonância e materialidade se não estivesse relacionada com uma dimensão de poder. Tratava-se de uma memória ligada a quem dirigia e controlava a rádio no momento das comemorações de seu aniversário de meio século e, mais do que isso, o próprio poder político municipal e legislativo cancelaram essa “memória” nas solenidades oficiais em homenagem à rádio e sua trajetória. Em segundo, a pouca deferência a Roberto Camelier também pode ser compreendida pela ausência da família “Camelier”, que se mudou para o Rio de Janeiro, em meados dos anos 40. Com a morte de Roberto, no início dos anos 50, seu filho, Carlos Camelier, que trabalhava na emissora carioca Rádio Cruzeiro, deslocou-se para Belém com o objetivo de dirigir, junto com os “Proença” e “Santos”, a Rádio Clube do Pará. Após seu falecimento, a família “Camelier” praticamente não manteve mais relações com a emissora de rádio. Desse modo, a família “Camelier” não reuniu, pelas circunstâncias e decisões tomadas, condições para produzir sua “memória genealógica” em relação ao passado da rádio, bem como, pela sua “ausência”, não tomou parte no “lugar” de poder que, por exemplo, os “Proença” assumiram.

Sobre tudo isso que estamos nos referindo: memória genealógica, lugar de poder, microbiografias e a narrativa biográfica da rádio, não estiveram ausentes a contradição e a incoerência<sup>12</sup>. Por exemplo, o mesmo Edyr Augusto Proença responsável também pelas fotografias com suas legendas, assim se referiu sobre os “pais” fundadores e as gerações de “herdeiros” que passaram a administrar a Rádio Clube do Pará:

*Dos primeiros dias, resistiram bravamente em seu ideal Roberto Camelier, Eriberto Pio dos Santos e Edgar Proença, que se constituíram nos principais dirigentes, engrandecendo o rádio paraense até que a morte os levou. Ficaram seus sucessores não menos idealistas como Edyr Proença, Carlos Camelier, Avelino Henrique dos Santos e Palmeria dos Santos, que continuaram a administrar*

<sup>11</sup> “Santos” se refere a família de Eriberto Pio dos Santos que junto com Roberto Camelier e Edgar Proença foram, além de fundadores da Rádio Clube do Pará, em 1928, na cidade de Belém, os dirigentes chamados “pé duros”, por se dedicarem, cotidianamente, à emissora. Eriberto Pio se destacou como locutor e diretor comercial da rádio, desde os primeiros anos. Depois, seu filho Avelino Henrique, também passou a fazer inúmeros programas a partir dos anos 40.

<sup>12</sup> Sobre as incoerências e incertezas na história e na prática do historiador, ver a entrevista de Giovanni Levi em: (LEVI, 2014: 1-20).



*a empresa com o mesmo aprumo e seriedade que encontraram...* (JORNAL RELÂMPAGO, 22/04/1978: 3)

Edyr Augusto ao se propor buscar um nexos entre o rádio do passado – dirigido e organizado pelos fundadores – e o rádio atual, resolveu distinguir e interligar a trajetória das direções da rádio: depois da primeira geração de diretores, veio uma segunda, representada pelos filhos “herdeiros” de cada um dos três fundadores. Com a morte de Roberto Camelier, assumiu seu filho Carlos Camelier; do mesmo modo, com Edgar Proença, assumiu seu filho Edyr de Paiva Proença e de Eriberto Pio dos Santos, assumiu seu filho, Avelino Henrique dos Santos. Com o falecimento de Carlos e Avelino, Edyr assumiu a direção geral com Palmeria Santos, sendo Celina Proença (esposa de Edgar Proença) e Maria Silvia Teixeira dos Santos, as administradoras. Ao lado desse núcleo juntaram-se antigos colaboradores e funcionários da emissora como o locutor Lourival Penalber, o técnico Miguel Santos e novos nomes como Edgar Augusto Proença, Edyr Augusto Proença e Kzan Lourenzo.

Assim, ao contrário do que as celebrações, as reportagens, os artigos e matérias jornalísticas, a narrativa biográfica do *Jornal Relâmpago*, enfim, nos incitaram a fazer crenças em relação a ideia de uma história fácil de contar, retomo as palavras do próprio Edgar Proença para nelas procurar sinais de como compreender essas ricas experiências do passado, do mundo do rádio vivido: “A história do Rádio Clube do Pará não é fácil de contar”. Eu ainda emendaria outra complexidade nessa intriga de atar presente e passado, ou seja, a memória e a sua instituição social e política.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (re)sentimento- indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

HAGEMMEYER, Rafael Rosa. *História & Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Coleção História &...Reflexões, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.



LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Prefácio de Jacques Revel; tradução de Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. *Revista Tempo*, vol. 20, 2014, p.1-20.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Tradução: Fernando Scheibe, Belo Horizonte: Autêntica Editora, (Coleção História e Historiografia), 2011.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1.p. 133-174. jan. - jun. 2005.

\_\_\_\_\_. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de. *Modernidade e integração na Amazônia: intelligentsia e broadcasting no entre guerras, 1923-1937*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia), Programa de Pós-Graduação em História, PPHIST, Universidade Federal do Pará, 2011.

\_\_\_\_\_, *Imagens Sonoras: o universo sensível e imaginário do rádio na Amazônia, 1928-1940*. Texto integrante dos *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom.

PONCIONI, Claudia. “Bio-grafar, escrever vidas?” In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne & NAXARA, Márcia (orgs.). *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SALLES, Vicente, *Música e músicos do Pará*, Conselho Estadual de Cultura, Belém-Pará, 1970.

SAMUEL, Raphael. *Teatros de memória*. Projeto História, São Paulo, (14), fev. 1997.